


# O Anel de Tucum: Religião Popular, catolicismo e juventude

*The Tucum ring: popular religion, Catholicism and youth*

Ronaldo Guimarães Santos <sup>[a]</sup> 

Goiás, GO, Brasil

<sup>[a]</sup> Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO)

Flávio Munhoz Sofiati <sup>[b]</sup> 

Goiás, GO, Brasil

<sup>[b]</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG)

Alberto da Silva Moreira <sup>[c]</sup> 

Goiás, GO, Brasil

<sup>[c]</sup> Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO)

**Como citar:** SANTOS, Ronaldo Guimarães; SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. O Anel de Tucum: Religião Popular, catolicismo e juventude. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 356-371, maio/ago. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.AO05>.

## Resumo

O texto trata do contexto sociorreligioso do anel de tucum, um símbolo de mística e compromisso com as causas sociais presente no catolicismo e na Religião Popular. Analisamos o seu uso no meio

<sup>[a]</sup> Mestrando em Ciências da Religião, e-mail: ronaldogsantos2012@gmail.com

<sup>[b]</sup> Doutor em Sociologia pela USP, e-mail: sofiati@gmail.com

<sup>[c]</sup> Doutor em Teologia Fundamental pela Westfälische-Wilhelms-Universität de Münster, Alemanha, e-mail: alberto-moreira@uol.com.br

da juventude, entendida como agente de transformação social. Por ser uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, sistematizamos as produções que permeiam a misticidade simbolizada pelo anel. O anel de tucum vem do Tucumã, o fruto de uma planta considerada sagrada para os povos indígenas da região Amazônica. Ele é entendido como um símbolo de sua cultura, ancestralidade e espiritualidade. A Religião Popular e o catolicismo, vinculado à Teologia da Libertação, apropriam-se deste objeto e o utilizam como um símbolo de fé, resistência e compromisso com as lutas populares. Entretanto, o anel é usado por outras religiões, como as espíritas e umbandistas. Além disso, a juventude tem um papel fundamental, por ser responsável por manter vivas as tradições religiosas, com participação ativa na vida das comunidades religiosas. Elas também representam a diversidade e a resistência da Religião Popular brasileira, sendo o segmento social que transmite o uso do anel de tucum para as novas gerações.

**Palavras-chave:** Anel de tucum. Juventude. Catolicismo. Religião Popular. Amazônia.

### **Abstract**

*The text deals with the socio-religious context of the tucum ring, a symbol of mysticism and commitment to social causes present in Catholicism and popular religion. We analyze its use among young people, understood as agents of social transformation. As this is a bibliographical and documentary study, we have systematized the productions that permeate the mysticism symbolized by the ring. The Tucum ring comes from the Tucumã, considered to be the fruit of a sacred plant for the Indigenous peoples of the Amazon region. It is seen as a symbol of their culture, ancestry and spirituality. Popular religion and Catholicism, linked to liberation theology, appropriate this object and use it as a symbol of faith, resistance and commitment to popular struggles. However, the ring is used by other religions, such as the Spiritists and Umbandists. In addition, young people play a fundamental role, as they are responsible for keeping religious traditions alive, with active participation in the life of religious communities. They also represent the diversity and resistance of Brazilian popular religion, being the social segment that has passed on the use of the Tucum ring to new generations.*

**Keywords:** Tucum ring. Youth. Catholicism. Popular Religion. Amazon.

---

## Introdução

Este artigo é o primeiro produto de uma pesquisa sobre o uso do anel de tucum entre jovens católicos que têm a Teologia da Libertação como referência e orientação. Neste texto, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, realizamos uma introdução geral ao anel de tucum, considerado um dos símbolos mais conhecidos no meio da Religião Popular. Muitas vezes associado às práticas religiosas populares, como as pastorais sociais e da juventude, o anel de tucum é uma manifestação cultural e espiritual encontrada em diversas regiões do Brasil, principalmente na Amazônia e, especialmente, nas comunidades tradicionais da Região Norte do Brasil. O tucum é uma palmeira nativa da América do Sul, cujas sementes são utilizadas para confeccionar esse tipo específico de adorno.

Figura 1 – anel de tucum usado por jovens cristãos



Fonte: PJ Diocese de Piracicaba (2009).

Na Religião Popular (Brandão, 2007), entendida aqui como as manifestações da religiosidade do povo que em suas bricolagens combina a matriz cristã, católica, com aspectos das crenças dos povos originários, indígenas e de matriz africana, advinda da cultura dos povos escravizados no país, o anel de tucum pode desempenhar papéis variados. Em algumas tradições, ele é utilizado como um amuleto ou talismã, com a crença de que possui propriedades protetoras contra energias negativas e malefícios. É comum que o anel seja associado a rituais e cerimônias religiosas (principalmente entre os leigos), onde sua presença é vista como um símbolo de conexão com forças espirituais e divinas.

O cineasta e teólogo Conrado Berning lançou há trinta anos, em 1994, um filme-documentário, *O anel de tucum*<sup>1</sup>, explorando a história e o significado do símbolo no contexto da Teologia da Libertação e da conversão à igreja dos pobres. No filme, Dom Pedro Casaldáliga<sup>2</sup>, Bispo de São Félix do Araguaia, comenta o significado do anel como símbolo de compromisso com as causas indígenas e populares.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2yoYoBZ6GTM>. Acesso em 24 jun. 2024.

<sup>2</sup> Pedro Casaldáliga nasceu em fevereiro de 1928 em Balsareny, na província de Barcelona. Filho de camponês, vaqueiro, estudou em La Gleba e Vic e ingressou na Congregação dos claretianos. Ordenado sacerdote em Montjuïc, Barcelona, em 1952, exerceu diversos

Para as Pastorais da Juventude (Sofiat, 2012), o anel de tucum representa um compromisso com a justiça social e a defesa de vários seguimentos, sendo o meio ambiente um dos compromissos mais atuais dessas juventudes. Ele é um símbolo de esperança e resistência, que inspira essas juventudes a lutar por um mundo justo e sustentável. O anel de tucum é um símbolo importante, visto que é um lembrete de que as juventudes têm um papel fundamental na construção de outro mundo possível que seja justo, igualitário, sustentável e verdadeiramente humano.

A confecção e o uso dos anéis frequentemente estão carregados de significados e símbolos que envolvem os ciclos da vida, a espiritualidade, a proteção do indivíduo e sua conexão com as tradições ancestrais e com o transcendente. O uso dos anéis é um reflexo da rica diversidade cultural e religiosa do Brasil, onde diferentes comunidades valorizam e perpetuam suas crenças por meio de objetos, como o anel de tucum. Além disso, é comum entre religiosos, leigos e lideranças pastorais católicas associadas à Teologia da Libertação o uso do anel de tucum, que elas consideram um símbolo de sua aliança com os empobrecidos e injustiçados de qualquer espécie.

A relação entre o anel de tucum e a Religião Popular evidencia como objetos simples que provêm da natureza podem adquirir significados profundos e serem integrados às práticas espirituais, agregando valor simbólico e espiritual à vida cotidiana das pessoas. As juventudes que usam o anel se apresentam como as difusoras desta tradição sendo, ao mesmo tempo, elo de continuidade e transição, pois também veem nele um símbolo de unidade entre pessoas que lutam por uma sociedade anticapitalista.

O texto se propõe abordar questões como a discussão da figura simbólica do anel, enquanto objeto de aliança entre pessoas, para apresentar o anel de tucum como referência e símbolo de unidade entre pessoas religiosas que lutam por um outro mundo possível. Em seguida, adentra-se no debate da importância do anel de tucum na Religião Popular e na Igreja católica. Por fim se mostra como as juventudes, principalmente vinculadas às crenças religiosas, colaboram com a manutenção e difusão dessa tradição no meio da Religião Popular e do catolicismo.

## Anel de Tucum e sua simbologia

Os anéis são vistos e usados como objetos simples, mas com um sentido profundo. O anel é um círculo, uma forma geométrica que representa a eternidade, a unidade e a perfeição, daí ser também um símbolo universal. Os anéis são usados há milhares de anos, em todas as culturas do mundo, como ornamento, como símbolo de *status* e de poder, como amuleto de proteção, ou como sinal de amor e compromisso. Como ornamento os anéis são usados desde a pré-história: eram feitos de materiais simples, como pedra, madeira ou osso (Durant, 1935). Com o tempo, os anéis começaram a ser produzidos com materiais mais preciosos, como ouro, prata e diamantes.

Os anéis são usados em todos os dedos, mas os mais comuns são os anéis de noivado e casamento, usados no dedo anelar da mão direita e esquerda. Também são usados como símbolos de *status* e poder. Os confeccionados com ouro e diamantes, por exemplo, são considerados símbolos de riqueza e poder. Na Idade Média, os anéis eram usados por cavaleiros como símbolo de sua posição social. Eles também

---

ministérios em Sabadell, Barcelona, Barbastro e Madrid, até que em 1968 aceitou fundar uma missão claretiana no Brasil, em São Félix do Araguaia, no estado de Mato Grosso [...] Consagrado bispo em 1971, foi responsável pela Prelazia de São Félix do Araguaia, onde descobriu um povoado totalmente oprimido por latifundiários, com altíssimo analfabetismo, um povoado sem saúde, mídia etc. [...] Conhecido como 'Dom Pedro', Casaldáliga é uma das personalidades mais representativas da Igreja dos Pobres no Brasil, na América Latina e no mundo. Considerado um dos mais fiéis adeptos da Teologia da Libertação, é um dos fundadores do Conselho Indígena Missionário (CIMI) e da Comissão Pastoral Terra (CPT). Disponível em: <https://fperecasaldaliga.org/pt-br/pedro-casaldaliga-biografia/>. Acesso em: 09/08/2024.

eram utilizados por membros da realeza e da nobreza como símbolo de seu *status* (Durant, 1935). Os anéis traziam o selo dos reis e até o Papa e os bispos os incluíram em sua indumentária religiosa.

Os anéis também são usados como amuletos de proteção. Acredita-se que podem proteger o usuário de doenças, acidentes e outras ameaças. Na antiguidade este artefato era frequentemente feito de pedras preciosas e cada uma delas tinha um efeito especial: o rubi era considerado um amuleto contra o mal, a esmeralda um amuleto da saúde e o diamante um amuleto da força<sup>3</sup>.

O anel é também o símbolo mais comum do amor e do compromisso entre duas pessoas. Um anel de noivado é o presente básico dado pelo noivo à noiva para simbolizar seu amor e seu compromisso de casamento. O anel de casamento é um símbolo usado pelos cônjuges para materializar, expressar e lembrar seu amor e sua vontade de viverem sempre unidos. O significado do anel pode variar de acordo com a cultura e a tradição. Assim, o anel tanto pode ser um símbolo de eternidade, como de unidade, perfeição, *status*, proteção, amor e compromisso. Ele é um símbolo que une pessoas de diferentes origens e culturas (Certeau, 1982). No caso específico do anel de tucum, principalmente para as juventudes que o usam, ele está imerso num simbolismo que envolve religiosidade e compromisso com as lutas sociais.

Dessa forma, este pequeno adorno circular transcende sua singeleza para se tornar um símbolo poderoso de proteção e conexão espiritual. O anel de tucum é fabricado a partir da parte mais dura da semente da palmeira de tucumã, conhecida popularmente como tucum e cientificamente como *Bactris setosa*, sendo que tal planta pertence à família das *Arecaceae* e pode ser encontrada na Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Brasil (Didonet; Ferraz, 2012).

Figura 2 - Cacho com frutos de Tucum



Fonte: Colecionando frutas [s. d.].

De acordo com Furlan (2013),

no Brasil a palmeira é nativa do norte do país, podendo ser encontrada no Acre e no Amazonas, com distribuição restrita ao Vale do Juruá. Para os povos da floresta, o tucum sempre foi considerado uma planta muito leal e de muita utilidade por estar sempre por perto, sendo utilizada para várias finalidades<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

<sup>4</sup> FURLAN, Marcos Roberto. O Anel de Tucum? (do Boletim PLANFAVI, n. 26, 2013). Quintais Imortais, 11 de agosto de 2013. Disponível em: <https://quintaisimortais.blogspot.com/2013/08/o-Anel-de-Tucum-do-boletim-planfavi-n26.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

As sementes são normalmente dispostas em um padrão circular, criando uma aparência texturizada e orgânica. Os anéis podem variar de tamanho, alguns cobrindo apenas uma parte do dedo, enquanto outros são maiores e abrangem quase todo o dedo (López, 1999).

Para os povos indígenas, o anel é mais do que um simples artefato; é um amuleto que carrega consigo um legado de significados profundos e uma reverência à interligação entre a natureza e o sagrado. "*Kuairü mbokaja*" significa, em guarani, anel de tucum: *mbokaja* = Tucum, *kuã* = dedo, *irü* = companheiro. Com a força simbólica da língua indígena guarani, o anel é o companheiro do dedo.

Como vimos, nas amplas tradições religiosas e espirituais, o anel de tucum adquire distintos significados. Nas práticas das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, ele se revela como um guardião, um defensor contra energias negativas e uma ponte para a conexão com as forças da natureza. Sua presença em cerimônias e rituais ressoa com a busca pela purificação e equilíbrio espiritual<sup>5</sup>. Além de sua funcionalidade protetora e mística, o anel é um símbolo de continuidade, um ciclo completo representado em sua forma circular. Ele evoca a ideia de renovação, lembrando da constante transformação da vida e da conexão entre os ciclos naturais e espirituais.

No período da escravidão, o anel de tucum também se tornou um símbolo de resistência e esperança para os escravos (Quadros, 2001). Como foi pontuado pela Diocese de Piracicaba,

na época do Império, quando o ouro era usado em grande escala entre os opressores, principalmente na confecção de anéis, os negros e os indígenas, não tendo acesso ao ouro, assumiram o anel de tucum como símbolo de pacto matrimonial, de amizade entre si e de resistência contra a opressão do estado e das elites.<sup>6</sup>

A simplicidade da sua criação, derivada da própria semente do tucumã, confere ao anel uma aura de autenticidade e ligação com a terra. Moldado pelas mãos habilidosas de artesãos, carrega consigo os mistérios da natureza, pois cada anel de tucum conta a história do seu próprio ciclo de vida, desde a semente até sua forma final para uso dos indivíduos. De certa forma, o anel de tucum representa também o sonho da terra da abundância e da felicidade, sonhada pelos povos originários, a "*Yvy marane'y*" — Terra sem mal — dos Guarani (Gonzaga, 2005).

Usar este anel simples lembra o compromisso solidário de seu portador com a vida dos pequeninos, sejam quais forem e onde estiverem (López, 1999). O anel de tucum tornou-se, portanto, popular em todo o Brasil e em boa parte do mundo ocidental, devido, em grande parte, à atuação de pessoas que, explicitamente religiosas ou não, comungam com os princípios do Cristianismo da Libertação (Souza Neto e Schwartz, 2022). Segundo López,

em muitos países da América Latina os pobres utilizam simples anéis de tucum para expressar o compromisso e união com o companheiro/a até a morte. Nas últimas décadas, o anel de tucum converteu-se no símbolo utilizado por pessoas de boa vontade que trabalham comprometidas solidariamente com os mais pobres e excluídos da sociedade (crianças de rua, povo das grandes lixeiras e favelas, posseiros e sem-terra, indígenas e negros, doentes com HIV, etc.). Para estas pessoas o compromisso com o Reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6,33) e com a "vida abundante" (cf. Jo 10,10) dos pequeninos, foi tão radical que chegaram a doar sua vida... Na América Latina são centenas os mártires que derramaram generosamente seu sangue por esta causa (López, 1999).

<sup>5</sup> Disponível em: <https://quintaisimortais.blogspot.com/2013/08/o-Anel-de-Tucum-do-boletim-planfavi-n26.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

<sup>6</sup> PJ Diocese de Piracicaba. O anel de tucum é símbolo da "Igreja dos pobres". *Pastoral da Juventude Diocese de Piracicaba*, 13 de outubro de 2009. Disponível em: <https://pjpira.wordpress.com/2009/10/13/anel-de-tucum/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Pode-se destacar que a

semente do tucumã também é utilizada para a confecção de instrumentos musicais regionais (maracás) e de artesanato, além do anel. Trata-se de um anel preto que representa um sinal do compromisso de quem o usa com a “Igreja dos Pobres”: como sinal da aliança com a causa indígena e com as causas populares. Também é um símbolo de solidariedade de pessoas que lutam e se engajam em movimentos sociais<sup>7</sup>.

No filme comentado anteriormente, Dom Pedro Casaldáliga esclarece sobre o anel de tucum e interpela a pessoa que se passava por jornalista:

Este anel é feito a partir de uma palmeira da Amazônia. É sinal da aliança com a causa indígena e com as causas populares. Quem carrega esse anel significa que assumiu essas causas. E as suas consequências. Você toparia usar o anel?<sup>8</sup>

Por trás dessa frase do falecido bispo de São Félix do Araguaia, está um compromisso com as pessoas menos favorecidas na sociedade contemporânea.

O anel de tucum também é um símbolo da Amazônia. A palmeira tucum é uma planta nativa dessa região e o anel é feito das sementes dessa planta. O anel é, portanto, um adorno que simboliza o testemunho da conexão com a terra, a espiritualidade e a Religião Popular, um símbolo da busca por proteção espiritual e um lembrete constante da beleza e poder contidos nos elementos mais simples da natureza. Criado originalmente pelos povos indígenas como forma de expressão cultural e identitária, o anel de tucum é usado hoje também por pessoas de outros países e contextos culturais, justamente como símbolo de seu apoio à cultura e aos direitos ameaçados dos povos indígenas e da biodiversidade da Amazônia.

## O anel de Tucum na Religião Popular

As religiões populares são formas de expressão religiosa que se caracterizam por sua diversidade, sincretismo e proximidade com as culturas da população. Elas são praticadas por pessoas de diferentes classes sociais, etnias e religiões, sendo marcadas por uma forte presença de elementos simbólicos e rituais. O anel de tucum é um dos símbolos da Religião Popular brasileira. Como vimos, o tucumã é uma planta sagrada para os povos indígenas da Região Norte do Brasil, e o anel de tucum é visto como um símbolo de sua cultura e espiritualidade.

Para Otten (1990), no contexto da Religião Popular brasileira, o anel de tucum é frequentemente usado como um símbolo de fé, resistência e compromisso com as causas sociais. Ele é usado por pessoas de diferentes religiões, incluindo católicos, espíritas e umbandistas. Para os católicos, segundo Lopes, o anel de tucum é visto como um símbolo da Teologia da Libertação, das pastorais sociais e da juventude, serviços e movimentos referenciadas no Cristianismo da Libertação (Löwy; Sofiati; Andrade, 2020), usado por católicas e católicos que assumem a opção preferencial pelos pobres.

O anel de tucum é um símbolo importante da Teologia da Libertação, o movimento social-político-religioso que surgiu na América Latina na década de 1960. A Teologia da Libertação defende a opção preferencial pelos pobres, ou seja, o compromisso da Igreja com a luta pela justiça social e a defesa dos direitos dos pobres e oprimidos (Lopes; Souza Neto; Schwartz, 2022). Para os teólogos da

---

<sup>7</sup> FURLAN, Marcos Roberto. O Anel de Tucum? (do Boletim PLANFAVI, n. 26, 2013). Quintais Imortais, 11 de agosto de 2013. Disponível em: <https://quintaisimortais.blogspot.com/2013/08/o-Anel-de-Tucum-do-boletim-planfavi-n26.html>. Acesso em: 10 nov. 2023..

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2yoYoBZ6GTM>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Libertação, o anel de tucum é um símbolo da solidariedade com os pobres e oprimidos. Ele é um sinal de que a Igreja está comprometida com a luta pela transformação social (Gomes Filho, 2009). Portanto, no mundo cristão, o anel de tucum é visto como um símbolo da comunhão com Deus e com os outros. Ele é usado como um sinal de fé e compromisso com o amor ao próximo.

Para os espíritas, o mesmo anel é visto como um símbolo da evolução espiritual. Ele é usado como um sinal de esperança e de compromisso com o bem. Para os umbandistas, o anel de tucum é assumido como um símbolo de proteção espiritual. Ele é usado como um sinal de fé e de confiança nos orixás.

Desta forma, o anel de tucum é um símbolo que transcende fronteiras religiosas e culturais. Ele é um símbolo de fé, resistência e compromisso com a justiça social: um símbolo que inspira as pessoas a lutar por um mundo justo e fraterno. O anel é frequentemente usado nas Comunidades Eclesiais de Base, sendo grupos de cristãos que se organizam para promover a justiça social e a defesa dos direitos das pessoas empobrecidas. Outro uso é como um sinal de compromisso com a causa dos pobres e como uma forma de expressar a solidariedade com os demais membros da comunidade.

O anel de tucum também é um símbolo importante da cultura popular brasileira. Para os povos indígenas da Amazônia, o tucumã é uma planta sagrada. A semente do tucumã é usada para fazer artesanato, instrumentos musicais e objetos religiosos. O anel de tucum é uma forma de manter viva a cultura e a espiritualidade dos povos indígenas. Para os afro-brasileiros, o anel de tucum é também um símbolo importante. Ele é usado em rituais religiosos, principalmente na Umbanda e no Candomblé. O anel é visto como um símbolo de proteção espiritual e de ligação com os orixás. Ele é um símbolo de mística, de resistência das pessoas mais vulneráveis nessa sociedade excludente. É um compromisso com a justiça social, pois seus adeptos entendem que as causas que provocam a desigualdade são estruturais, onde o governo e estado deveriam fazer sua parte, de modo mais sensível para com as classes populares. Ele é um símbolo que inspira as pessoas a lutarem por um mundo justo e fraterno.

Como vimos acima, o anel analisado neste trabalho perpassa as diferentes instituições e referências religiosas presentes no Brasil contemporâneo, expressando o vínculo popular das diferentes formações religiosas e possibilitando o seu entendimento enquanto um símbolo de conexão entre as mais variadas manifestações da Religião Popular no país. No contexto do catolicismo, o anel de tucum é utilizado pelas pessoas que comungam sua fé na perspectiva do Cristianismo da Libertação.

## O anel de Tucum na teologia Católica

Na riqueza simbólica da Igreja católica cada elemento carrega consigo um significado profundo. Em meio aos objetos sagrados, o anel de tucum encontra um lugar dentre aqueles católicos que partilham uma interação entre os bens da natureza, a luta por justiça social e a espiritualidade. Todavia, esse símbolo não está ligado diretamente aos rituais católicos tradicionais, mesmo que a Igreja reconheça e valorize símbolos provenientes da natureza como testemunhos da criação divina. O referido artefato é símbolo central apenas para uma parcela do catolicismo: aqueles que comungam com o ideário da Teologia da Libertação.

No sentido que lhe dão as pessoas ligadas ao ideário da teologia da libertação ressalta, mais ainda que aspectos como proteção e bênção, a noção de *aliança* com o Deus libertador e de *compromisso* com o Reino de Deus. Como sabemos, a noção de Reino de Deus constituiu o horizonte e o objetivo central das parábolas e das práticas (*verba et facta*) de Jesus de Nazaré. Na teologia judaico-cristã, a categoria da *Aliança com Deus* é uma das expressões mais importantes empregadas pela Bíblia para designar as relações entre Deus e os homens (Fries, 1970, 57). A fórmula da aliança com Deus (*berit*), que tem um certo substrato no *pacto* profano-jurídico e que envolve vontade livre, disposição e compromisso mútuo das partes envolvidas, é simplesmente um *locus theologicus* essencial das religiões abrahâmicas: trata-se da convicção de que Deus propõe, nos diversos contextos sociais e históricos, uma *aliança* de amor e



fidelidade com o seu povo, que desperta naquelas e naqueles que ouvem a palavra e querem colocá-la em prática, o desejo de assumir um *compromisso* de vida com seu Deus. O primeiro Testamento está pervadido de passagens e ocasiões em que se celebra, se rememora, ou se lamenta, se critica asperamente o povo por ter esquecido, negligenciado, não cumprido a sua parte na aliança com Javé (Jer 11,1-17; Ez 16). No primeiro Testamento o bem essencial que se espera da aliança é a paz e a saúde, a vida em abundância e fartura, a ausência de medo, a fraternidade e a salvação: tudo aquilo que o termo *shalôm* tão bem resume e expressa (Fries, 1970). No Novo Testamento, a mensagem essencial sobre a aliança com Deus é que em Cristo Deus realizou com a humanidade toda a nova aliança de graça, prometida pelos profetas, indo além e cumprindo todas as promessas de salvação feitas ao povo de Israel.

O que mais nos interessa nesse contexto, é lembrar que em todas essas ocasiões, como na Aliança com Noé (Gen 9,9-11), na Aliança no Sinai (Ex 19,3-6; 24,4-11), na Aliança com o resto de Israel (Ez 16,60-63; Jer 31,31-34), bem como na nova Aliança em Cristo, instituída por Jesus na última Ceia (Mt 26,28; Gal 3,15-25; Heb 7,1-10) em que se celebra, se refaz ou se rememora a aliança de amor e fidelidade de Deus com seu povo, em todas essas ocasiões um objeto, um fenômeno ou um símbolo passam a representar e figurar de forma visível a aliança entre Deus e as pessoas: o arco-íris, a arca da aliança, o servo sofredor, o pão e o vinho da eucaristia, que celebra a memória/presença de Jesus.

Nos parece que nesse processo de ressignificação ou de ampliação da significação, o anel de tucum tornou-se para muitos grupos católicos-ecumênicos ligados ao ideário e às figuras da Teologia da Libertação exatamente aquilo que Leonardo Boff chamou de “símbolo-sacramento”, na sua conhecida obra *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos* (2004). Ali se explica como um objeto corriqueiro pode se tornar um símbolo para um determinado grupo de pessoas, desde que este objeto esteja carregado de memórias, envolvido por experiências humanas repletas de sentido e afetividade, desde que ele comunique um sentido que todos compreendam e compartilham gnosiológica, afetiva e existencialmente. Como o último cigarro fumado pelo pai, como a vela dada de presente ao estrangeiro no Natal. Quando determinados objetos entram no circuito da atribuição simbólica, na circulação simbólica e afetiva, nas memórias compartilhadas, carregadas de sentido atribuído, quando nos rituais e nas liturgias alguns desses objetos se tornam suportes materiais para a expressão e o encontro com o transcendente e o indizível, eles assumem um *valor sacramental* para todos que estão no mesmo circuito. Potencialmente podem se transformar em *sacramentos*, pontos de encontro e comunicação da realidade do mundo e da natureza com realidades que, celebrados comunitariamente, passando por dentro da realidade material dos objetos, vão muito além dela e conseguem condensar e exprimir, de forma plástica e sensível, experiências de sentido e de transcendência que superam toda a capacidade expressiva das palavras. Uma realidade sacramental é algo que por sua atualização no aqui e agora da realidade vivida pelas pessoas, afirma um princípio de ligação e continuidade com uma experiência fundante e significativa. Uma atualização compartilhada que rompe a descontinuidade do tempo histórico e afirma, na ausência, uma presença significativa e performativa para todos os que estão na dinâmica do sacramento. Um acontecimento concreto exemplifica o que queremos dizer.

Em novembro de 2015, como em diversos lugares da América Latina, um grupo de cristãos da Europa, fortemente identificados com o espírito e a tradição da teologia da libertação, organizou em Roma um encontro internacional para lembrar e comemorar os 60 anos do chamado Pacto das Catacumbas. Esse nome, pacto das catacumbas, foi dado aos encontros realizados no final do concílio Vaticano II, em novembro de 1965, por D. Hélder Câmara e diversos bispos latino-americanos, europeus e asiáticos que se identificavam com a causa dos pobres. Os encontros resultaram na elaboração e na assinatura pelos participantes de um texto no qual se comprometiam a viver de forma simples, a assumir o mundo dos marginalizados e a lutar pela justiça social. O documento foi assinado por todos

na catacumba de Domitila, em Roma. O encontro de 2015 também foi realizado na catacumba de Domitila e contou com a participação do último sobrevivente daquele grupo de 1965, o bispo italiano Giuseppe Betazzi. No final da celebração eucarística desse encontro, realizado na mesma capela da catacumba, num ambiente de visível comoção, cada participante recebeu (ou escolheu o seu de dentro de uma tigela de fibra de sisal) um anel de tucum. Para os participantes, o anel condensava e exprimia tudo o que experimentavam: desejo de seguimento daqueles pais (e mães) da TdL e propósito de compromisso com os seus ideais.

O uso do anel de tucum também em outros ambientes e ritos católicos, como em ordenações sacerdotais, profissões solenes de religiosas e religiosos, cerimônias de envio de missionários, enfatiza o que dissemos acima, que o anel de tucum recebeu para muitos grupos cristãos identificados com a Teologia da Libertação um valor sacramental. Ele simboliza e manifesta para quem o usa o sentido de viver em aliança com o Deus libertador, assumir compromisso com as pessoas e as causas dos pobres, viver em comunhão com todos que assumiram as mesmas causas e em comunhão com toda a natureza ameaçada.

Em outros contextos do catolicismo, o anel de tucum, comumente considerado um amuleto de proteção por outras tradições religiosas, pode, de certa forma, refletir a ideia de proteção divina, mesmo que não seja formalmente integrado às práticas católicas institucionais (Lopes; Souza Neto; Schwartz, 2022). Além disso, a forma circular do anel de tucum<sup>9</sup> pode ser associada à ideia de unidade e continuidade, formada por aqueles que não precisam entrar em seminários para serem padres ou religiosos. A circularidade representaria a eternidade, a interconexão e a união entre o divino e o terreno, conceitos presentes na doutrina católica.

Na cerimônia de batismo, o anel de tucum pode representar a incorporação da criança na comunidade católica, simbolizando a promessa de proteção espiritual e crescimento na fé ao longo da vida. A simplicidade do anel contrasta com a profundidade do compromisso espiritual que ele representa. Dessa forma, este artefato na tradição da Igreja católica pode ser considerado mais do que uma joia ou um ornamento: trata-se de um sacramental, de um símbolo que através da materialidade que o constitui, conecta as pessoas com realidades que o transcendem, que estão para além dele, como o seguimento do Cristo libertador, a solidariedade com os oprimidos, a espiritualidade da mãe natureza, o pertencimento a uma comunidade específica de fé.

A diversidade das práticas religiosas no catolicismo revela um rico panorama, onde se destacam aspectos distintos: o catolicismo popular, povoado pelos leigos e leigas, e a religião institucional, exclusiva do clero. Ambas desempenham papéis significativos na experiência espiritual, mas com abordagens e contextos diferentes (Lopes; Souza Neto; Schwartz, 2022). No catolicismo, o anel de tucum está presente tanto no catolicismo laico como no clerical.

A religião popular está enraizada na cultura e nas tradições de um povo. Ela se desenvolve orgânica e frequentemente à margem das estruturas formais e institucionais. Essa expressão espiritual é moldada por costumes, crenças e práticas transmitidas ao longo de gerações, incorporando elementos locais e influências diversas. Em muitos casos, está fortemente ligada à natureza e aos ciclos naturais, abraçando uma espiritualidade mais fluida e adaptável. Deste modo, é frequentemente caracterizada por uma relação mais íntima e flexível com a divindade, permitindo uma interação mais próxima entre o sagrado e o cotidiano. Seus rituais podem variar amplamente segundo as necessidades e experiências locais e os praticantes muitas vezes se sentem mais conectados à espiritualidade por meio de práticas

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://xapuri.info/Anel-de-Tucum-a-historia-e-o-significado/>. Acesso em: 10 nov. /2023

simbólicas e festivas (Gomes Filho, 2009). No contexto católico, é o catolicismo popular que expressa da melhor forma este tipo de prática religiosa, sendo a romaria o principal espaço de sua realização.

A religião eclesial refere-se às práticas religiosas em instituições formais, como igrejas, templos ou mesquitas, seguindo doutrinas e rituais estabelecidos. Essas tradições são guiadas por líderes religiosos e estruturadas por dogmas e ensinamentos específicos, muitas vezes com uma organização hierárquica definida. A dimensão eclesial é marcada pela formalidade e pela estruturação institucional. Ela oferece estabilidade e continuidade, proporcionando um conjunto de crenças e práticas comuns que unem uma comunidade de fiéis. Sua força reside na transmissão sistemática de doutrinas e na manutenção da coesão social por meio de ensinamentos estabelecidos. Na terminologia weberiana, trata-se da forma religiosa que rotinizou o carisma (Weber, 2022). No contexto católico a Religião Eclesial é aquela que carrega consigo a força da institucionalidade e sua capacidade de se colocar como a vertente protetora das doutrinas e dogmas católicos.

Apesar das diferenças, ambas as formas de religiosidade têm um objetivo comum: proporcionar orientação espiritual, conforto e significado às vidas das pessoas. A Religião Popular e a Religião Eclesial representam caminhos distintos para a busca do sagrado, cada uma com suas características, mas ambas contribuindo para a riqueza e diversidade do espectro espiritual humano. A Religião Popular caminha com a ação do povo e almeja da Religião Eclesial que esteja mais nas ruas e nas casas com seu rebanho, interagindo juntas. Em seu bojo, a Igreja católica tem conseguido articular estas duas formas de religiosidade: a eclesial estabelecida no interior de suas comunidades, paróquias e dioceses; a popular que se posiciona à margem da estrutura oficial. As pastorais sociais e da juventude são o elo entre estas duas formas de práticas da fé na contemporaneidade. Isto permite que as pessoas que usam o anel de tucum sejam os protagonistas com capacidade de tangenciar e atravessar a estrutura rígida da instituição católica por meio de um tipo de catolicismo diaspórico (Brandão, 2013).

## **O anel de Tucum e as juventudes**

Como apresentado anteriormente, o anel de tucum é um símbolo de resistência e luta, sendo usado também pelas juventudes de todo o Brasil que se identificam com as causas sociais e lutam contra as injustiças. A floresta amazônica representa e fornece a matéria-prima da conexão com a natureza e as culturas juvenis. Para os jovens, que estão experimentando um período ou processo de efervescência e explosão de vida, esta é uma fase repleta de descobertas, experimentações e desafios. É um tempo de transição, onde os alicerces da identidade se formam e os horizontes se expandem em busca de propósito e significado (Pais, 2006).

Na diversidade de experiências, culturas e perspectivas individuais, as juventudes se revelam como um enorme quebra-cabeça. Cada jovem é uma peça única, fazendo parte de um quadro dinâmico, trazendo consigo uma bagagem singular, uma história que se entrelaça com a tessitura social e cultural do mundo. Por meio do uso do anel de tucum pelas juventudes, principalmente vinculadas às Pastorais das Juventudes da Igreja Católica, o mesmo se espalhou rapidamente para outros grupos e movimentos sociais, como o movimento estudantil, o movimento negro e o movimento feminista. Ele se tornou um símbolo da luta contra a desigualdade, a violência e a opressão que perpassou o final do século XX e adentrou o século XXI nas mãos das gerações emergentes.

Eis alguns exemplos de como o anel de tucum é usado pelas juventudes: em movimentos sociais, este artefato é frequentemente usado em manifestações e protestos, como uma forma de mostrar a solidariedade com as causas sociais. Em comunidades, ele é usado como uma forma de fortalecer os laços de solidariedade e promover a cultura local. Este símbolo também pode ser usado individualmente, como uma forma de expressar os valores e crenças de uma pessoa. Pode ser usado em ritos, de forma

comunitária. Pode ser usado por causas ambientais. Ele também pode ser usado como aliança com os indígenas e suas lutas.

A energia pulsante das juventudes impulsiona movimentos sociais, questiona paradigmas e desafia a sociedade baseada na exclusão, buscando um mundo justo e inclusivo. Porém, nesse trajeto repleto de descobertas, a juventude também enfrenta desafios. As pressões sociais, a incerteza do futuro e as expectativas moldam uma jornada muitas vezes complexa. É um tempo de autoconhecimento, de enfrentar dúvidas e superar obstáculos, moldando a resiliência e a determinação.

A tecnologia e a globalização ampliam as fronteiras da juventude, conectando jovens de diferentes partes do mundo e possibilitando o compartilhamento de ideias, experiências e lutas. Essa interconexão cria uma teia de solidariedade e aprendizado mútuo, enriquecendo a compreensão do mundo e das próprias identidades. Apesar das nuances individuais, a juventude é unida por um desejo comum: o anseio por um futuro promissor, por oportunidades iguais e por um mundo onde a diversidade seja celebrada e respeitada.

O anel de tucum se mantém, nesse contexto, como um forte símbolo de conexão entre jovens que almejam outras formas de sociabilidade menos mercantilizadas. As juventudes, com toda a sua complexidade e vitalidade, é o catalisador da mudança, o motor que impulsiona a sociedade em direção a novos horizontes, deixando sua marca indelével na história e inspirando gerações futuras. Essa etapa da vida é um período tão rico e diversificado, marcado por desafios, descobertas e uma vontade infindável de transformação, quando as juventudes não sucumbem simplesmente à cultura do consumo ou ao isolamento narcísico cultivados pelo mercado.

Na simplicidade das juventudes também está a simplicidade e um forte significado quando elas adotam o anel de tucum. Reside um elo entre a natureza e a espiritualidade, e, de maneira similar, essa biojoia singela pode ser equiparada à jornada que as juventudes fazem. Como a semente da qual nasce, a juventude é um tempo de germinação, um estágio inicial onde sonhos e ideias se formam, tecendo-se em um ciclo contínuo de descobertas.

Para as juventudes que praticam o empreendedorismo social, o anel de tucum é uma biojoia, que também é conhecida como eco joia ou joia natural, ou seja, um acessório desenvolvido a partir de materiais orgânicos disponíveis na natureza. Esses materiais podem ser de origem vegetal, animal ou mineral (Silva, *et al*, 2024). São totalmente sustentáveis e ecológicos. Nesse sentido, contraditoriamente, a vantagem e desvantagem é que essas biojoias, juntamente como o anel de tucum, são frágeis, exigindo cuidado no seu uso e manuseio.

Assim como o anel de tucum é moldado pelas mãos de algum artesão, as juventudes são moldadas por suas experiências e influências, assumindo formas únicas à medida que encontram seu caminho no mundo. Esse artefato, com suas propriedades protetoras, reflete a busca da juventude por segurança e orientação em um mundo cheio de desafios e incertezas.

A forma circular de um anel também ecoa a natureza cíclica da vida, assim como a juventude, um estágio transitório repleto de altos e baixos, mas também de oportunidades constantes de renovação e crescimento. Assim como o ciclo da vida se completa no anel, os jovens experimentam ciclos de aprendizado, transformação e autodescoberta. Da mesma forma que o anel de tucum é utilizado como um amuleto de proteção, a juventude busca formas de se proteger dos desafios emocionais e sociais que surgem ao longo do caminho.

Como já afirmado, este artefato é um objeto simples, mas com um significado profundo. Ele é um círculo, uma forma que representa a eternidade, a unidade e a perfeição. Encontrar uma âncora, um símbolo de segurança e estabilidade, é parte integrante desse processo, que as juventudes trazem consigo.

O anel de tucum, com sua simbologia mística e protetora, pode representar essa busca por segurança em um mundo em constante mudança. Em sua essência, o referido anel e a juventude compartilham a noção de serem mais do que aparentam à primeira vista. Ambos são símbolos de potencial, crescimento e força interior, representando um ciclo de renovação constante e a jornada única rumo à realização pessoal e espiritual. Assim como este símbolo guarda a essência da natureza, as juventudes carregam consigo a vitalidade e a promessa de um futuro de possibilidades e crescimento.

## **Anel de Tucum, religiosidade e juventude**

No tecido multifacetado das juventudes é percebido uma tapeçaria de espiritualidade e engajamento social, onde se entrelaçam os fios da fé e da cultura. Nesse contexto, a Religião Popular surge como um ponto de encontro, um espaço onde a expressão da espiritualidade encontra ressonância na dinâmica da juventude contemporânea (Brandão, 2007). Para as juventudes, a Religião Popular não é apenas um conjunto de práticas religiosas, é um vínculo comunitário, um legado cultural que permeia a vida cotidiana e proporciona um senso de identidade e pertencimento. Essa relação se estabelece por meio de festividades, rituais e símbolos que se entrelaçam com as experiências das juventudes, moldando suas crenças e práticas espirituais.

Os jovens e as jovens encontram na Religião Popular um terreno fértil para a expressão de sua espiritualidade, muitas vezes marcada pela informalidade, pela espontaneidade, pela experimentação e pela conexão com as tradições ancestrais. Eles se envolvem em festivais religiosos, rituais de devoção e práticas simbólicas que ecoam a espiritualidade encarnada em elementos simples e significativos. Nessa interseção entre as juventudes e a Religião Popular, observa-se uma integração da fé com a vida cotidiana entrelaçada ou não com o anel de tucum. Os jovens encontram na Religião Popular uma fonte de valores, de solidariedade e de respeito à diversidade, aspectos que permeiam suas visões de mundo e suas atuações sociais (Brandão, 2007).

A Religião Popular não apenas serve como um canal de expressão espiritual, mas também como um ponto de encontro para os jovens leigos, proporcionando um espaço de convívio, partilha e celebração comunitária. Essa dinâmica fortalece os laços sociais e espirituais, moldando uma identidade que abraça tanto a fé quanto a cultura em um contexto contemporâneo. Dessa forma, as juventudes encontram na Religião Popular não apenas um conjunto de práticas religiosas, mas um modo de estar no mundo, uma expressão de sua espiritualidade e uma interação viva com suas raízes culturais. Essa integração entre fé, cultura, sociedade e identidade oferece uma base sólida para o engajamento dos jovens no âmbito religioso e social, contribuindo para uma visão mais ampla de suas vidas e de seu papel na sociedade (Brandão, 2007).

As juventudes são responsáveis por manterem vivas as tradições religiosas populares. Elas participam de rituais, celebrações e festas religiosas, e ajudam a transmitir as tradições religiosas para as gerações futuras. Por exemplo, no contexto do catolicismo popular, as juventudes são responsáveis por organizar as festas religiosas do padroeiro da comunidade. Elas ajudam a preparar os altares, a organizar as procissões e a participar dos cultos, missas, procissões e romarias.

Na dimensão espiritual da Religião Popular, as juventudes encontram em um campo fértil para explorar a contemplação e a meditação, práticas que transcendem fronteiras religiosas e se entrelaçam com as raízes culturais e espirituais. A Religião Popular, com sua riqueza simbólica e diversidade ritualística, que vai se apropriando, oferece um espaço para os jovens mergulharem em experiências contemplativas profundas (Brandão, 2007). Na busca por significado e propósito, as juventudes encontram na Religião Popular um terreno onde a contemplação e a meditação se entrelaçam com práticas tradicionais. Dentro dessa esfera, a meditação não se limita apenas ao silêncio introspectivo, mas se manifesta em gestos simbólicos, rituais festivos e cânticos que convidam à reflexão e à interação espiritual.

Para Brandão (2007), as práticas contemplativas na Religião Popular são muitas vezes dinâmicas e enraizadas na cultura, oferecendo uma plataforma para que os jovens se engajem com sua espiritualidade de maneira mais acessível e integrada ao cotidiano. Seja por meio de danças cerimoniais, cânticos coletivos ou peregrinações, a meditação e a contemplação são vividas em interação com elementos culturais, tornando-se uma experiência sensorial e participativa. Na Religião Popular, a contemplação também permite aos jovens uma conexão mais profunda com a natureza e com os ciclos da vida. A observação dos ritmos naturais, a celebração de festividades ligadas às estações do ano e a interação com elementos da natureza constituem uma forma de meditação que os conecta com o sagrado através da simplicidade e da beleza do mundo ao redor.

A interseção entre Religião Popular, juventudes, contemplação e meditação oferece um espaço para a expressão individual e coletiva da espiritualidade. É um convite para os jovens explorarem, de maneira íntima e autêntica, as profundezas de sua fé e a conexão com o divino, enquanto mergulham em práticas contemplativas que enriquecem suas vidas e nutrem suas almas. Dentro desse contexto, a contemplação e a meditação não se limitam a práticas isoladas, mas se tornam uma maneira de estar no mundo, um caminho para uma ligação espiritual e um meio para os jovens se envolverem e contribuírem para a riqueza e diversidade da Religião Popular.

Neste contexto, o anel de tucum se consolida como símbolo primordial da conectividade entre juventudes de diferentes territórios, expressões religiosas, culturas, mas que comungam de um mesmo modo de estar no mundo, a saber: a luta cotidiana em busca de transformação do real acompanhada de prática de fé marginalizada pela religião estabelecida.

## Considerações finais

Este texto desenvolveu uma síntese bibliográfica e documental da Religião Popular, sobretudo do catolicismo popular, tendo como ponto de interesse analítico o anel de tucum. Demonstramos como as juventudes, e suas espiritualidades transitam por diferentes expressões religiosas e aspectos da vida contemporânea. Essas expressões vão desde a riqueza simbólica do anel de tucum até a dinâmica entre a Religião Popular, as juventudes e práticas de contemplação e meditação, revelando a interconexão entre espiritualidade e vivência humana permeada por uma espiritualidade marginal, diaspórica. Nessa exploração observamos como o anel de tucum, um símbolo simples e, ao mesmo tempo, poderoso, transcende sua forma material para se tornar um elo entre o sagrado e o terreno, ecoando a busca por proteção, renovação, conexão espiritual e luta por direitos. Por meio dele compreendemos como elementos da natureza se entrelaçam à espiritualidade nas diversas manifestações religiosas, sobretudo no catolicismo. O anel de tucum se expande nos meios católicos justamente em sintonia com a questão ambiental, que tem se tornado um apelo cada vez mais evidente para as novas gerações.

Ao adentrar o universo da juventude, descobrimos como a Religião Popular se torna um terreno fértil para a expressão espiritual, oferecendo espaço para a contemplação e a meditação. A interseção entre esses aspectos revela uma abordagem dinâmica e integrada à fé, permitindo que os jovens encontrem significado e conexão com sua espiritualidade de forma autêntica e enraizada na cultura. No cerne de todas essas explorações está a ideia da espiritualidade como uma jornada que paradoxalmente ao mesmo tempo, pessoal e coletiva, um caminho onde a simplicidade e a profundidade se entrelaçam. A Religião Popular, e seus símbolos como o anel de tucum, permitem a busca por práticas contemplativas, tornam-se manifestações dessa jornada, oferecendo um terreno para a interação com o divino e a exploração das questões fundamentais da existência.

Esses temas convergem à compreensão de que na Religião Popular, o anel de tucum e as juventudes em suas variadas formas de espiritualidade se entrelaçam na vida cotidiana, enriquecendo-a com significados, conexões e uma busca constante por algo maior do que a própria existência individual. É no ambiente do catolicismo popular, permeado pelas práticas em torno da Teologia da Libertação, que se estabelece um importante cenário de práticas de fé transformadora dentre aqueles que trazem nos dedos o anel de tucum.

Observamos, finalmente, que existe e está em pleno desenvolvimento, um processo de ampliação da atribuição simbólica ou de construção simbólica do anel de tucum. No estágio atual dessa ampliação simbólica, o anel de tucum começa a representar algo ainda mais vasto do que a identidade dos povos indígenas, a necessidade de pertencimento dos jovens ou mesmo a identificação com a Igreja dos Pobres. Parece que o anel de tucum emerge como símbolo e sentido de um compromisso assumido (ainda de forma vaga) por muitas pessoas, em diferentes lugares e contextos político-culturais, com a criação de um grande e forte laço de solidariedade com toda a parte sofrida da humanidade e com a terra-mãe, a natureza ameaçada.

Esperamos que estas reflexões possam ressoar como um convite à exploração contínua do entendimento do significado das espiritualidades, um convite para descobrir o sagrado nas pequenas coisas e para abraçar a jornada em direção ao transcendente. Seja através da Religião Popular, das práticas contemplativas ou de símbolos como o anel de tucum, que ecoam o divino na simplicidade do cotidiano. Colaborar para a compreensão desse complexo entrelaçamento foi o intuito deste trabalho.

## Referências

BACTRIS SETOSA família das Arecaceae, *Colecionando frutas*, [s. d.]. Disponível em: <https://www.colecionandofrutas.com.br/bactrissetosa.htm>. Acesso em: 14 out. 2024.

BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: mínima sacramentalia*. 26ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANDÃO, C. R. *Os Deuses do povo: um estudo sobre a Religião Popular*. 3ª Edição ampliada com depoimentos. Uberlândia-MG: EDUFU, 2007.

BRANDÃO, C. R. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (orgs). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

CERTEAU, M. de. *A Escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. — Rio de Janeiro-RJ: Forense Universitária, 1982.

DIDONET, A. A.; FERRAZ, I. D. K. O comércio de frutos de Tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey — ARECACEAE) nas feiras de Manaus (Amazonas, Brasil). *Revista brasileira de fruticultura*, v. 36, n. 2, p. 353-362, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbf/a/Hs6MZL5FTb8n7cmftB3rHqD/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DURANT, W. *História do Mundo*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento. São Paulo-SP: Editora Nacional, 1935.

FRIES, H. (org.) *Dicionário de Teologia*. Conceitos Fundamentais da Teologia atual. São Paulo: Loyola, 1970, p. 57-65.

GOMES FILHO, R. R. O Sagrado Manipulado: o movimento de Santa Dica e sua relação com a Igreja Católica. *Caminhos — Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, Brasil, v. 7, n. 2, p. 281–310, 2010. DOI: 10.18224/cam.v7i2.1221. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1221>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GONZAGA, A. D. *Anel de Tucum: a missão evangelizadora de Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

LOPES, L. A.; NETO, J. C. de S; SCHWARTZ, R. M. “O Anel de Tucum”, um filme que sintetiza uma pedagogia e uma teologia da Libertação no Brasil. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 9, p. 62212–62231, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n9-118. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/52003>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LÓPEZ, F. *Kuairü mbokaja — Anel de Tucum — O sonho de Deus: um laço-abraço de solidariedade rodeando toda a humanidade!* In: LÓPEZ, Fernando. *A espiritualidade da solidariedade*. São Paulo–SP: Paulus, 1999. p. 103–117.

LÖWY, M.; MUNHOZ SOFIATI, F.; MARTÍNEZ ANDRADE, L. Apresentação: Cristianismo da Libertação e Teologia da Libertação na América Latina. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/64381>. Acesso em: 27 jun. 2024.

O ANEL DE TUCUM é símbolo da “Igreja dos pobres”. *PJ Diocese de Piracicaba*, 13 de outubro de 2009. Disponível em: <https://ppira.wordpress.com/2009/10/13/Anel-de-Tucum/>. Acesso em: 14 ago. 24.

OTTEN, A. H. *Só deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. (Coleção “Fé e Realidade” — XXX). São Paulo–SP: Edições Loyola, 1990.

PAIS, J. M. Buscas de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: *Culturas Jovens — Novos Mapas do Afeto*. Rio de Janeiro–RJ: Zahar, 2006.

QUADROS, E. Hereges e Holandeses. In: BRANDÃO, S. (org.). *História das Religiões no Brasil*, volume X. Recife–PE: Universitária — UFPE, 2001.

SILVA, Givan. et al. Internacionalização de Biojoias: uma união entre sociobiodiversidade, sustentabilidade e inovação. *Revista Gestão em Análise*, v. 13. 177-197, 2024. DOI: 10.12662/2359-618xregea.v13i2.p177-197.2024.

SOFIATI, F. M. *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos–SP: EDUFSCar — CAJU, 2021.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. 4. ed. 5ª reimpressão. Brasília–DF: EDU — UnB, 2022.

RECEBIDO: 02/07/2024  
APROVADO: 10/08/2024

RECEIVED: 07/02/2024  
APPROVED: 08/10/2024